

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 2 de Setembro - 1926

5 TOSTÕES



sempre **fixe** 17
semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

JUSTA HOMENAGEM



sempre **fixe**
associa-se de todo o coração ao proleto
que as Caldas da Rainha vão prestar á inolvidavel e saudadissima memoria do genial artista.



Os ditos da semana



O riso é próprio do homem e o mais belo atributo dos deuses. De tempos imemoriais, em todas as épocas ele tem merecido o melhor acolhimento, as provas duma simpatia que vai do agrado e do médo ao respeito e á admiração. Testemunharam-lhe sempre honras. Sparta lhe erigiu uma estatua e o sabio dr. Raulin um estudo que elucida e interessa toda a gente, desde os fisiologistas, os homens de letras e pensamento, aos bons burgueses, e no qual se prova que o riso é um excesso nervoso de certos musculos da face, e principalmente do grande zygomatico. E' um desmando e tem de ser provocado. E' um elemento de saude e um tratamento de higiene espiritual a aproveitar com vantagem. E' uma necessidade.

O *Sempre fixe* é o orgão do riso nacional, e nele as penas mais jocosas e os lapis mais alacres se esmeram na lavagem dos casos e acontecimentos. Hoje, porém, neste lugar chamado «o fundo», as circunstancias lhe impõem um parentesis na troça e no ridiculo, não para carpir mas comemorando obrigatoriamente um facto de importante justiça,—venerar, no dominio da saude, um artista que fazia um Portugal grande e digno de entrar — como aliás o fez entrar — no convivio da civilização.

Não deixamos de rir, mas um riso em estreita relação com as lagrimas, que, verdadeiramente nas emoções alegres — e nós o devemos estar, e estamos, em face do sucesso—marcam, de facto, o apogeu do sentimento. Temos esse delicioso «riso chorando», que já Homero, com delicia, na escola, nos fazia gosar o descritivo e a verdade na finura do prazer sentimen-

tal apreciado. E rimos. O contentamento nos acciona. A satisfação nol-o recomenda.

Bordallo—e este significativo *tout court* com que, quando vivo, do norte ao sul do pais, e nas regiões do intellectualismo, era conhecido, admirado, temido, tratado, Raphael Bordallo Pinheiro vai receber das Caldas da Rainha o pagamento duma divida, que é verdadeiramente uma apoteose que a honra, honrando o consagrado.

A estatua que lhe vai ser erigida — escultura de Teixeira Lopes e pedestal de José

superioridade da classificação. Foi um criador. Foi ele que criou a caricatura em Portugal e, dentro desse genero, tipos, sendo o *Zé Povinho* a mais alta expressão psicologica e de exteriorização que no seu poder, quer sintetico quer de analyse, reveste tão especificas qualidades, bastantes para celebrar um desenhador na reputação mundial. Mas não foi só isso. Essas paginas do *Antonio Maria*, esses trabalhos do *Album das Glorias* — ridiculos desse tempo, que hoje talvez se transformariam, se possível

bem mordente e cruelmente, lhe ficavam obrigados por os ter feito entrar pelo lapis, gracilmente, nas élites que a vista delicias e deixam de ser repugnantes.

E o que a faiança lhe deve. Caldas, terra de oleiros, modificou, tornou artisticos os seus produtos em virtude da sua influencia, das suas lições. Nesse genero, ainda a sua obra é gloriosa e dum criador. O que ela ganhou e o que o Pais ganhou com ele! Ele, os parques proveitos que nem entraram na mediania.

Tratar de Raphael Bordallo é sentir-se a gente perante uma confusão, que provém da complexidade dos seus trabalhos. Perante ele, a verbalização — que só serve para cobrir, d'ordinario, as inferioridades—é pecaminosa. Os factos e as provas, accumulando-se, deixam quem tenha de os citar numa complexidade. O que se lhe ficou devendo começa um pouco a ser pago nas homenagens publicas.

Riámos, pois, satisfatoriamente, vendo que quem tanto fez rir vai ser lembrado eternecedoramente.

José Parreira.



— Pal Raphael Bordallo: apresento-lhe a minha ultima senhora, a D. Situação.
— Para falar com franqueza, meu Zé, estavas muito melhor com a albarda que ha quarenta anos tinhas ás costas ...

Luis Monteiro, artistas para artistas, por esforços da benemerita Comissão de Iniciativa, d'acôrdo com alguns discipulos do Mestre, — significa que essa bela terra, que aos seus encantos de natureza tem sabido juntar os atractivos e valores que só o trabalho completam, não só preza o merito mas sabe respeitar todos os componentes do nosso patrimonio.

Raphael Bordallo—orgulho duma raça e duma familia de notabilidades confirmadas— não foi apenas um artista na

fosse apparecerem, em predicados incomparaveis de merecimentos sem confronto — rivalizam, se não são superiores, a tudo quanto se tem feito no estrangeiro.

A sua obra de lapis—a que soube associar Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz—permanece nova e encantadora. E que inovador e que fecundidade! Ele sabia dar beleza a todas as coisas e no seu desenho todas as fealdades desapareciam e tudo entrava no ciclo luminoso da Arte. Até os caricaturados — não raro

João Chagas

Se fosse vivo, completava ontem 61 anos de idade o grande jornalista e panfletario que se chamou João Chagas.

Prestando homenagem a Rafael Bordalo, seria uma grave injustiça esquecer nesta hora o nome de um dos seus maiores amigos e mais brilhantes colaboradores. João Chagas deixou na *Parodia*, ao lado dos desenhos magistraes de Rafael Bordalo, legendas scintilantes de ironia e de bom humor.

Recordar o seu nome e prestar homenagem á sua memoria, no periodo que atravessamos, é um dever que se impõe a todo o profissional da imprensa—a imprensa que o seu espirito brilhantissimo dignificou com tanta obra-prima de jornalismo.

Historia MUDA dum cão



Lua de mel



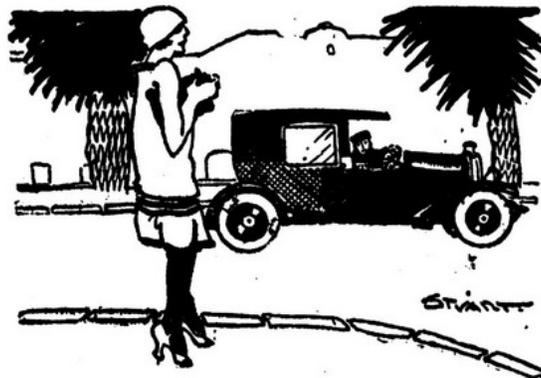
Todos em côro---Que saudades daquele tempo!...

O unico remedio



---O' Maria, affianças a molancia?
---Sei lá; não estou dentro dela...
---Então, o melhor é calai-a, que, de resto, o calado é o melhor...

A' eepera de freguezes...



... ou os do s ao mesmo

Historia MUDA dum cão



TEATRO

«RETROZ PRETO...»

UMA companhia que andava de «tournée» pela provincia, com mais dividas do que aplausos, caiu uma noite numa cidade do norte.

O teatro estava às moscas. Viam-se apenas meia duzia de espectadores. Como a peça que se representava era horrorosamente desempenhada, o reduzido publico que sofria o espectáculo começou a patear fortemente.

Então, um dos artistas, no meio do palco, cheio de figurantes, voltou-se para a plateia, gritando:

— Pouco barulho e muita cautela, ouviram? Nós somos mais do que os senhores!...

AGORA quem quiser pode ser artista. Basta arranjar uns empenhos e ir fazer um exame no Conservatorio, aparecendo ao lado dos que gastaram alguns anos antes de chegarem às provas.

No Brasil é diferente: faz-se exame de admissão ao Conservatorio e só depois é que se cursam as aulas.

Num país em que todos são bachareis não admira que existam tambem muitos artistas que respeitam a arte, sem a conhecerem...

CONSTA que a companhia Ba-Ta-Clan, de regresso à Europa, dará em Lisboa e Porto uma curta serie de espectaculos.

Desde já se avisam os comediografos e a critica que essa companhia traz um grande «stock» de numeros e musicas portuguesas, — originais de todas as parçarias.

A NOVA revista do T. V. é o «A. B. C.», rejuvenescido.

O pior é se o publico não aprende abecedario tão antigo.

PORQUE não se limitam os ordenados? Tarefa simples e honesta, que atenuaria um pouco a crise teatral, salvaria da miseria muito artista que não chega a comer do que ganha.

De quem é a culpa, dos ar-



A GLORIOSA ACTRIZ LUCINDA SIMÕES
que no principio da epoca de inverno fará a sua recita de despedida

listas ou dos empregarios? Estes, mais do que aqueles, tem graves culpas no cartorio.

C. L., actor de revista, depois de ter feito, como lhe cumpria, o elogio do teatro para onde vai trabalhar, exclama:

—Dois bons artistas, o A. C. e o V. S. Mas ao vê-los representar, iguaisinhos, pequeninos, lembro-me sempre da companhia infantil!

NO T. N. trabalha um «pinto» que nunca chegou a «galo».

G a l a r i a



No «Se eu quizesse» confiar-lhe um papel de menino bonito.

Resolveu o problema pintando-se de loiro, como uma miss londrina.

Será um travesti?!

NO T. do G. ha uma peça que todos conhecem, até os autores que a assinaram.

O actor T. V. faz de chinez; A. A. de nova; S. R. de galã e C. de O. de empregaria... sacrificada.

Por fim cantam-se as «Rosas», com alguns espinhos e muitas palmas. Se a L. D. cá

Chaby Pinheiro

Veneno, como gordura;
gordura, como talento;
tem, pelos dons da natureza,
um grande merecimento.

Bola de carne e valor,
afirma gente mofina,
que ainda quer ser maior
p'ra dar gosto á «Jasuna».

Um borlista.

estivesse, decerto que ingressava na «claque» — para não deixar os seus creditos por mãos alheias.

NOS bastidores dum teatro do Parque Mayer, ouvindo um numero de fantasia:

—Grandes ordenados, fabulosos ordenados, estupendos ordenados...

—Mas a empreza paga?

—Não, está com a corrente com os...

O empregario E. B. vai brevemente ao Brasil, ficando cá a substituí-lo o actor brasileiro L. F., que não tarda em chegar.

E. B. já tem tudo pronto para a viagem, menos a certidão de nascimento, porque é brasileiro em... terras di lá!

O C. L. vai estreiar-se, no T. V., com o «17» da revista «31». Consta que, atendendo á antiguidade do papel, aquele actor aparece de muletas, cabeleira branca e com o seguinte distincão ao peito: «Já vi, hoje ninguem me vê, peço a atenção do publico».

A ACTRIZ E. L. tem um «groom» preto. Quando ella anda de automovel faz-se acompanhar por tão exotico personagem, mas vestido de branco, como um cosinheiro.

Ha quem diga que se trata dum «fetiche» para quebrar o enguico teatral.

O «Cabaz de Morangos» abriu a venda esta semana.

Comentario dum espectador:

—A revista não é feia. O pior são os morangos. Poucos e antigos.

A PRONIMA revista do teatro M. V. intitula-se «Ricóco».

Comentario dum futuro espectador da geral:

—Mas quem faz uma coisa destas, em publico!

O Homem das 5 horas

Prato DE sonhos

10.º sonho o de Sebastião de Araujo empresario do Gimnasio (imit. de Bocage)

Meu tempo evaporou na vida insana do trolpel de paixões que me arrastava, Ah! cego, eu cria... Ah! misero, eu so-nhava a vida de teatro mais humana.

Que de inumeros sóes a mente usava a existência do palco me doirava, mas, eis succumbe a massa que foi escrava ao mal que o teatro em sua origem dana...

O' q'ridos socios meus e meus tiranos: esta alma que em um Succena melhora coube no abismo eniu dos desenganos...

Deus, ó Deus! quando a morte a luz me roube, lembra-me, ao menos, que durante anos soube pagar o que ganhar não soube...

11.º sonho o de Ricardo Jorge empresario do S. Luis e chefe do gabinete do Sr. Ministro do Interior

Repousava numa noite de verão o Ricardo Jorge amigo em fofo cama, a sonhar que dava auxilio a um programa da Reforma radical da Instrução...

Nos Caetanos tinha Thalma um bom quinhão; os lil'ratos aumentava-lhes a fama; no Zé Povo punha o fos'ro numa chama... mas... acordou e teve esta opinião:

Quanto menos instruido for o Povo mais a bilha aumentará na bilheteira... mais verei o S. Luis tal como um ovo!...

—Educa-lo ou polir-lhe a miolreira, em não vejo, em tal vantagem, nada novo... —Pr'ó negocio lá do loja... é uma as-neira!!...

12.º sonho o de Alves da Cunha

O nosso Alves da Cunha dormitava e, como a sua voz é de Stentor, a ressonar tal qual como um motor o predio todo inteiro ele abalava...

Sabem, senhor's, com que etc, então, so-nhava?

Que tendo de Samsão igual vigor, junto a um mano seu que é lutador, o Teatro do Rocio derrubava.

Poisou no chão, com geito, Gil Vicente, puxou pelas colunas que ha em frente e tudo derruiu sem uma pausa.

Depois, com arte, geito e mão potente, fez um teatro novo num repente e, assim, venceu uma Seguuda causa...

O' Mão Cristo Neto.



Uma escola PRATICA de cinema visitada pelo "Sempre Fixe,"

Outro dia, o Sempre fixe recebeu o seguinte bilhete de convite:

MANOEL POLO DO NORTE
Professo: cinematografico

Roga a V. Ex.ª que assista á inauguração da sua escola de artistas do silencio, na Rôma-larga Street, 119, 5.º

Era uma reportagem a fazer, curiosa e nacional. O Sempre fixe não podia faltar. E não faltou. A's oito da noite lá estava, como um catita. Subiu cinco andares, quinze lances, cento e cincoenta degraus. A escola estava montada numa saleta de cinco metros quadrados e tetos curvos de agua-furtada. Os alunos—uns vinte—amoltoavam-se, estaticos e comovidos—num banco, junto á parede do fundo. O professor, do alto da cathedra—um sujeito de quarenta anos esconhoado e colarinhos de bicos, aguardava a chegada dos jornalistas para começar a aula.

Chegámos—e fizeram-se as apresentações. E ele disse-nos:

—Em Portugal encontram-se todas as estrelas e astrelos que fulguram na America, em Nova York, em Roma, na Italia, em Turim, em Paris e em Hendaya. V. Ex.ª quer conhecer algumas das minhas e dos meus alunos?

«Olhe: esta menina. E' costureira na rua Garrett—Melle Maria Forte... E' uma autentica Maria... Pip fort... E esta? Micaela do Alto do Pina—uma copia melhorada da Pina Maricaeli... E este moço, de olhar fotogenico...

—Foto... quê?
—Fotogenico... O sr. Manoel Mosquinho... Um artista de fazer inveja ao Majusquino...

E eles todos faziam-nos varios salamaleques, estilo terceira parte do fita historica.

Mas o professor não tinha tempo a perder.

—Vamos a isto. Supunhamos que estamos a filmar uma pelicula estilo norte-americano: «Os bandidos do casaco cor de limão... O sr. Antonio Reis sera o director do Banco Angolol & Metropolitano. O sr. Pêra de Gusmão é Adão, é o galã que se deixa seduzir por miss Eva Metelo... Sim... senhor... desta vez... a Eva não come a maçã, come a Pêra... O sr. Chiquinho Patas de Elefante, como é alfaiate, será o chefe da quadrilha de casacas...

«A postos, meus senhores... Façam de conta que isto é o Palacio do Rajah de Casimira... A princeza... a princeza é a menina Micas-Loureiro... Vá... entre no plateau... Abra a boca... Faça... oh!... ande, faça oh! oh!...

—Então, senhor professor: eu pago para entrar nos films a dormir?

—Não seja Bertini, menina Micas. Quem lhe disse que tinha de dormir?

—O senhor professor manda-me fazer ó ó...

—Oh! oh! é uma exclamação—não seja Bertini, menina Micas... Vá, sr. Lord de Andrade... Entre... entre... Ah! que distraídos. Onde pensa que se encontra neste momento?

—No beco dos Romolares!

—Não é tal! E' no palacio do Rajah... Rajah de quê, miss Eva?

—O Rajah de Chita...

—Ora Chi...ta! Chi...ta, menina miss Eva... Isto é o palacio do Rajah de Casimira! Agora vamos ao assalto do Banco... Vá... depressa... Os senhores nem gatunos sabem ser! Assaltem o Banco... Uma... duas... três...

Os alunos deram logo um salto para o banco do fundo—e corriam todos na projecção... de um film muito engraçado—que podia intitular-se: «As luas a olho nu»...

Meia hora depois, o sr. professor dizia:

—Está terminada a lição... Dez escudos por cabeça...

Pobre DE Christo



E' assim que o "Zé,, ha de ficar um dia se é que já o não está...

De Xabregas a Cascais...



... uma vez e nunca mais



Fruta do tempo...

O principal objectivo

A Julio Dantas

Nesse dia, condessa,—inda não sei porque— assim que ao longe a vi, senti-me perturbado. Desusado o sorriso, o gesto desusado, você mais parecia a sombra de você!...

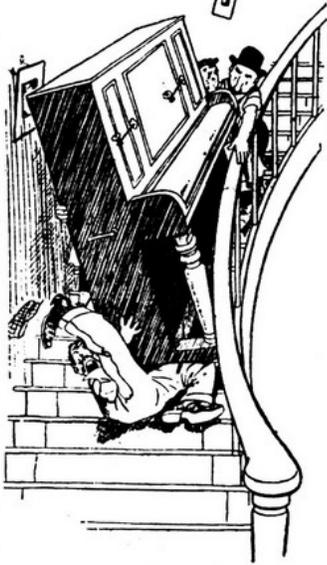
Falei-lhe... E no olhar,—livro onde o mundo lê o que a gente mais quer de todos ignorado,— notei contrariedade e vi, contrariado, que a condessa perdera o seu deshabillé...

Quiz saber a razão do modo agreste, esquivo. —O conde adoecera e estava desolada!... Comovi-me, apesar que raro me comovo...

Mas depois é que soube o principal motivo: —Já não ia essa noite ao baile da Embaixada; não podia estrear o seu vestido novo.

Silva Tavares

O dó natural



— Devagarinho é pá, porque lá diz o patrão que piano, piano, se vai aiombando.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Aviso ao publico

5.º Aditamento ao Aviso ao Publico A n.º 102)
APEADEIRO DA CURIA
A partir de 25 de Julho de 1926, é aberto á exploração o apeadeiro da Curia, situado ao kilometro 241,625 da Linha do Norte, entre as estações de Mealhada e Mogofores.
Este apeadeiro faz somente serviço de passageiros e bagagens, interno e combinado nacional.

Lisboa, 19 de Julho de 1926.

O Director Geral da Companhia
(a) *Ferreira de Mesquita*

Da chamada festa de touros nada houve de particular nos ultimos dias, a não ser as corridas da Agonia — sem *doubt-sens* que talvez se justificasse, atenta a decadencia progressiva—como diria o sr. Tavares de Carvalho—do espectáculo mais popular do nosso país...

O publico, decididamente, está desinteressado da festa. Este ano já houve, além de numerosas «perdes», muito menos touradas—e, consequentemente, muito menos cornadas...

E porquê?

Por muitas e variadas razões—algumas das quais conviria não publicar para que não se irrite a sensibilidade de certas pessoas.

Não se alegrem, porém, os partidarios do *foot-ball* e do *box*, nem uns sujeitos que andam para ali a apreagar sentimentalismos piegas e que muitas vezes dão fartura de pancada — fomo de rabo ás mulheres e aos filhos...

A decadencia do entusiasmo popular pelos touros não depõe a favor duns nem doutros.

Não é por considerar barbara a festa que o publico a abandona. Antes pelo contrario. E, senão, veja-se:—Quando ha uma corrida em Espanha, porto de fronteira, e se facilita a entrada nos portuguezes, é vêr os comboios carregadinhos de centenas de compatriotas nossos, que sacrificam dinheiro e comodidades só para po-



por um "lunatico,, de lunetas

Meu caro «Sempre fiz»: —

As criadas bem criadas desapareceram... Antigamente eram poucas, mas boas. Entrando para uma casa era para se demorarem anos. Algumas mesmo passavam em herança do pais para filhos. Eram um complemento da familia e muitas como familia eram tratadas. Quando saíam de uma casa, iam-se casar. Obedientes, fieis e economicas, arranjavam o seu pé de meia. Hoje, as criadas são o reverso desta medalha... de bom comportamento. Ter uma criada quinze dias ao serviço é um facto... notavel. Muitas ha que servem meio dia numa casa o que se vão sem deixarem saudades... á familia. Senhoras... de seu nariz, exigem dias de passelo e horas para receberem as suas visitas... Vestem de meias... e roupas brancas como as patrões e não é raro levarem, quando se despedem, um anel ou outra joia como recordação... A antiga criada grave foi substituida pela criada... grávida. E assim, a cada passo, uma familia honesta vê o seu nome envolvido nos jornais, porque a serviçal, envolvendo em papeis, atirou para o caixote do lixo um reconhecido... Namoradeiras, veem para as janelas da frente dar sota e as aos caixeiros de mercearia, as trazeiras... são para os padeiros e moços de talho... Para cada dia de saída tem a sua companhia... de guardas republicanos, policias, guarda-fios e bombeiros da Esperança...

Se não é tola e tem um palminho de cara razoavel, a sopeirinha tom

largo futuro adiante... de si. Depois de passar por muitas casas, chega até ás casas... de passe muito bom e cortando o cabelo e, radicalmente com as conveniencias, encaderna-se e e-la frequentando os clubs chics. A larva, de esfregão de cosinha tornada borboleta, vinga-se das antigas patrões, arruinando e escravizando-lhes os maridos...

E' a este genero de vida que os moralistas chamam escravatura... branca. Escravas quando são senhoras, não se compreende... A nos ver, é ainda uma forma de emancipação... social, como outra qualquer...

Antes de fechar esta carta, amigo *Fize*, aqui lhe deixo ficar a proposito este pequeno episodio...

A esposa do meu amigo *F.* entra na casa de jantar e surpreende a criada com a boca... na garrafa de um velho moscatel de Setubal. Irritada, exclama:

—Que desaforo, Joaquina!... Não só está a beber o vinho que o senhor tanto aprecia, mas ainda ele tora de se contentar com o restó babujado por si... Que nojo!...

A Joaquina, depois de limpar os beiços ao avental, volta-se para a patrão, muito cheia de dignidade ofendida, dizendo:

—Ora a grande coisa do provar o vinho pela garrafa!... O senhor não é tão enojado como isso... Se o fosse, não me tinha dado, ainda ha pouco, antes de sair, dois beijos na boca... E olhe que não cuspi!...



AS CORRIDAS DA AGONIA e a agonia das corridas...

derem assistir a uma «barbara» corrida á sspanhola.

E acrece ainda que esses portuguezes, na sua maioria, não vão ás nossas corridas.

O que prova isto?

Que o publico não vai aos nossos espectaculos por sentimentalismo? Não. Antes pelo contrario.

O Almada Negreiros, que com ser futurista—o que para muita gente é sinonimo do maluco—é das pessoas mais inteligentes e mais observadoras que conheço, achou uma oспleudida sintese para os motivos que provocam a ausencia do publico:

—E' que a tourada, tal como se faz hoje em Portugal, não satisfaz...

E assim é, na verdade:

A's nossas corridas falta alegria, elegancia, perigo—emoção.

Ha uma coisa que felismente ainda não perdemos:—o toureiro a cavallo, que continua a manter as suas tradições de nobreza.

Temos três, quatro cavaleiros; que arrobam em as multidões, pelo classicismo do seu estilo ou pela sua valentia e pela sua mocidade. Mas isso não basta.

Sósinhos, não tendo á sua roda elementos que completem o seu trabalho, em breve se esgotam, por mais que tentem modernizar e animar a lide.

A tourada, em Portugal, perdeu todo o character. Deixou de ser a tourada portugueza, com o seu estilo proprio, o toureiro rapido, a lide dos cavaleiros, as pegas valentas, para imitar grotescamente a corrida espanhola.

Arranjou-se assim o espectáculo mo-

Teoria de Darwin



O meúdo: — Agora é que eu acredito que a "miss" descondo dos macacos...

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Horario dos comboios

2.º Aditamento ao cariz-horario D. 179

Tramwais entre Aveiro, Ovar, Espinho e Porto

A partir da data do presente são validos para o comboio tramvai n.º 1530, que parte de Campanhã ás 19,25 e chega a Espinho ás 20,10, os bilhetes semanais e mensais de assinatura de 3.ª classe do artigo 4.º da tarifa especial n.º 1 de grande velocidade.

Lisboa, 23 de Agosto de 1926.

O director geral da Companhia
(a) *Ferreira de Mesquita*

notono e aborrecido de que o publico foge, para ir vêr a bola—ou para ficar em casa...

Claro que, com isto, lucram grandemente as outras diversões e principalmente o *foot-ball*. Pelas suas qualidades? Não. Pelos defeitos da festa de touros.

Pois, no meio desta tristeza tauromaquica, as corridas da Agonia, em Viana do Castelo, conseguiram dar uma nota toureira que desvaneceu por alguns dias o pessimismo dos que já não acreditam no levantamento das touradas.

Os três azes da cavalaria—D. Ruy da Camara (Ribeira), que revive o conde de Vimioso e que é hoje o sol da nossa festa, João Branco Nuncio, o mais classico dos modernos, e Simão da Veiga Filho, cuja exuberante mocidade faz levantar os publicos em aplausos ao seu toureiro movimentado e valente—triunfaram sempre, porque tinham necessariamente que triunfar.

E saiu igualmente triunfante o pavilhão do ganadero do Carregado, José Pinto Barreiros, que forneceu dois curros como quereríamos ver muitas vezes naquele enquiçado circo arabe do Campo Pequeno...

Memo Sable.

O CONCURSO INFANTIL do **Sempre fixe**



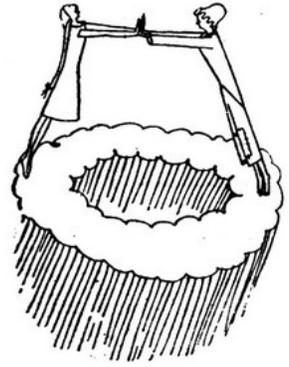
62



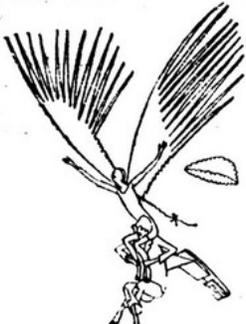
66



68



70



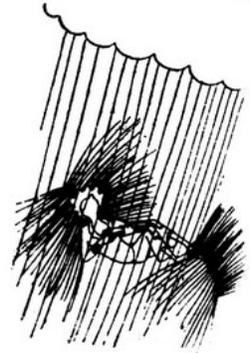
63



67



68



71



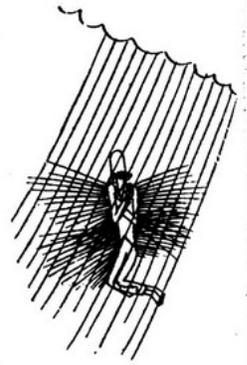
64



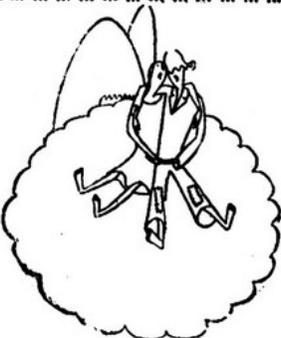
67



69



72



65



**e
acabou
a
historia**

O PRAZER DE VIAJAR



(Do "Le Journal.")

---Verdadeiramente não ha nada a dizer...
o preço não pode estar mais baixo.

AS NOSSAS VARINAS



— Ora já viste a dusavergonhada! Não queria que lhe vendesse
uma dúzia de carapaus por dez mil réis! Para isso mais me valia
er ficado em casa a praticar no piano...

O INTERCAMBIO



---Vamos prender aqueles dois tipos?
---Mas aqui já é Portugal...
---Então, que tem isso? E' um intercambio
policial...

JOVEN DRAMATURGO



— E como fechaste a peça ?
— Quem a fechou foi o empresario ... na gaveta.